

# FIGURAS E FIGURAÇÃO NA *CRÓNICA DE D. FERNANDO* DE FERNÃO LOPES

CHARACTERS AND FIGURATION  
IN *CRÓNICA DE D. FERNANDO* BY FERNÃO LOPES

*Albano Figueiredo*

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos  
Universidade de Coimbra

## RESUMO

Fernão Lopes demonstra na sua *Crónica de D. Fernando* uma notável evolução na arte de reconstruir pela escrita a História de Portugal. Com base numa estrutura narrativa coesa, que mescla facticidade e ficção, projeta uma espécie de teatralização de figuras, com destaque para o rei, a rainha e seus respetivos irmãos, o infante D. João e Maria Teles. É essa a matéria e esse o enfoque analítico do presente estudo, em particular em torno daquelas figuras e da figuração a que elas dão corpo.

*Palavras-chave:* Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, figuras, figuração

## ABSTRACT

In his *Crónica de D. Fernando*, Fernão Lopes shows a remarkable evolution in the art of reconstructing the history of Portugal through writing. Based on a cohesive narrative structure, which blends facts and fiction, he devises a kind of character dramatization that gives prominence to the king, the queen and their respective siblings (prince João and Maria Teles). This essay focuses on this topic, addressing particularly these characters and their figuration.

*Keywords:* Fernão Lopes, *Crónica de D. Fernando*, characters, figuration

1. O texto da segunda das crónicas de Fernão Lopes, cuja data de redação é posterior à da *Crónica de D. Pedro*, mas anterior a 1443, mostra-se muito mais desenvolvido do que esta no que ao estro historiográfico e prosístico diz respeito, mau grado o exagerado peso da descrição exaustiva de pormenores diplomáticos ou dos atinentes à gestão dos complexos meandros do poder na Península trecentista. Nos seus bem informados 178 capítulos, canonicamente precedidos por um longo e detalhado, mas elegante, Prólogo, muito se pode encontrar sobre a factualidade de um tempo que encerra quase em definitivo uma certa conceção de poder e que, afinal, abre novas perspectivas para um reforço acentuado do governo régio.<sup>1</sup>

O primogénito de D. Pedro – rei que deixara um legado de paz e de riqueza – é, desde o início da *Crónica de D. Fernando*, tido tanto como um monarca de invulgaes características<sup>2</sup> e capacidades<sup>3</sup> quanto como um chefe aparentemente predestinado para uma certa e malfadada propensão para a guerra, com a qual chega mesmo a pôr em causa a própria sobrevivência do reino;<sup>4</sup> por outro lado, a essa

1 O presente estudo segue de perto, com algumas alterações, o ponto 2.2.2 do capítulo 2 da III Parte da nossa tese de doutoramento, com o título *A crónica medieval portuguesa. Gênese e evolução de um género (Sécs. XIV-XV). A dimensão estética e a expressividade literária*, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 2005.

2 “mancebo vallente, ledo e namorado, amador de molheres e achegador a elas. Avia bem composto corpo e de rrazoada altura, fremoso em parecer e muito vistoso, tall que estando acerca de muitos homens, posto que conhecido nom fosse, logo o julgariam por rrei dos outros” (Lopes, 2004: 3).

3 “Era cavallgante e torneador, grande justador e lançador a tavollado; era muito braceiro, que nom achava homem que o mais fosse; cortava muito com hũa espada e rremessava bem a cavallo” (Lopes, 2004: 3).

4 “Desfalleceo esto quando começou a guerra, e naceo outro mundo novo muito contrairo ao primeiro, passados os folgados anos do tempo que rreinou seu padre; e veherom depois dobradas tristezas com que muitos choraram suas desaventuradas mizquindades. Se sse contentara viver em paz, abastado de suas rrendas, com grandes e largos thesouros que lhe

faceta junta-se uma outra, igualmente controversa e reiteradamente questionada pela generalidade das gentes e pelo próprio cronista: trata-se da sua famigerada ligação passional e matrimonial com D. Leonor Teles, mulher tão sedutoramente bela e empreendedora quanto ardilosa e desleal. E estes dois elementos temáticos tornam-se absolutamente fulcrais para a compreensão dos mecanismos de produção de sentido do texto, porquanto em muito determinam quer a progressão da diegese quer a modelação dos episódios e das personagens, particularmente do casal régio, que ganham agora maior relevo na escrita de Fernão Lopes, não raro assumindo mesmo um estatuto de peças-chave e absolutamente centrais da montagem das sucessivas tramas romanescas e quase teatrais que o cronista amiúde inscreve na narrativa.

Talvez por isso se entenda melhor o alcance da crueza contrastiva daquelas poucas palavras que se podem ler no início do Prólogo e que quase constituem uma brutal inversão do seu tom elogioso geral. De facto, muito pormenorizado no retrato, no contexto e na dimensão acional, sobremaneira recheado de vários elementos informativos sobre a excelência de D. Fernando como impulsionador de várias reformas e do incremento do comércio, o Prólogo é naquele ponto incisivamente opinativo e contrário às disposições genéricas, tópicas e encomiásticas que o enformam. A condenação do por vezes desgobernado modo régio de sustentar as guerras é aí a pedra de toque que serve ao cronista para começar a moldar uma personagem que é tanto uma figura histórica como uma peça nodal do entretecer narrativo. Ainda assim, e não esquecendo a relevância do desvio realista que aquelas menções disfóricas constituem, o texto inicial enquadra-se

de seus avoos ficaram, nêhũu no mundo vivera mais ledo nem gastara seus dias em tanto prazer; mas per ventura nom era hordenado de cima" (Lopes, 2004: 4).

nos limites do “prólogo panegírico” (Beau, 1959: 45-47), mostrando *ab initio*, sobretudo quando a comparamos com a crónica precedente, um enriquecimento qualitativo quer a nível da elegância do discurso, mais ritmado e mais trabalhado, quer ao nível da variedade vocabular, mais ampla e harmonizada.

A noção exata de que há um lugar específico do texto para elaborar uma caracterização geral e direta do monarca e de que a crónica tem uma especificidade “régia”, não se confundindo com a “biografia” e devendo, por isso, iniciar-se com os factos que remontam ao início do reinado, encontra-se claramente inscrita no começo do capítulo I, que estabelece também uma ligação direta com a matéria do final da crónica dedicada ao rei precedente:

Leixando estas cousas que dissemos, que sse em outro logar tambem dizer nom podem, e tornando ao começo do rreinado d’estre rrei dom Fernando, devees de saber que, partindo el d’aquell moesteiro onde seu padre fora tragido e el levantado por rrei, veo-sse a hũu castelo que chamam Porto de Moos, onde esteve algũus dias; (Lopes, 2004: 11)

Assegurado esse nexa (crono)lógico e observado o princípio da continuidade da realização de *uma* verdade histórica, a *Crónica* procura de imediato, como era típico do género, contextualizar a ação político-social do monarca, num quadro de paz com Aragão e com Castela (cap. I) e num cenário de tensão e de confronto entre os reinos – e reis – vizinhos (caps. II-XXIII), até porque, confessa, «d’el rrei dom Fernando nêhũa cousa [tem] que contar até a morte d’estre rrei dom Pedro»<sup>5</sup>, isto é, entre 1367 e 1369. Não deixa, no entanto,

5 Sobre o detalhe das notas de enquadramento cronológico da diegese vejam-se as três seguintes referências explícitas e sequenciais: “e foi esta batalha vencida sabado de Lazaro, seis dias d’abril da era de Cesar de mill e quatrocentos e cinco anos” (Lopes, 2004: 36); “No

a narrativa de evidenciar já alguns dos expedientes tópicos do discurso cronístico, como, entre outros, a alternância entre discurso indireto e discurso direto, a inclusão de cartas como modo de credibilizar as “estórias”, a utilização das expressões tão usuais que vão orientando o “público”, com ele mantendo um permanente contacto, quase fático (Dionísio, 1993: 141-145) – «como ouvistes», «segundo avees ouvido», «segundo adeante ouvirees», «segundo avemos contado», etc; –, ou até o cruzamento alternado, embora muito pontual, de microepisódios, com a menção explícita de variação de assunto, de ambiente, de espaço e de personagens.<sup>6</sup>

A matéria efetiva relativa ao reinado D. Fernando só começa no exato ponto em que se extingue a de D. Pedro de Castela, relatando o cronista como foram muitos os castelhanos e outros estrangeiros que, à morte deste e nunca desencorajados pelo próprio rei português – que era seu primo e herdeiro aspirante ao trono de Castela e Leão –, se colocaram ao seu serviço e o invetivaram a tomar Castela (cap. XXV). Por conseguinte, o primeiro grande núcleo diegético fernandino da *Crónica* (caps. XXV-LV) reporta-se a uma primeira guerra político-territorial, nomeadamente contra D. Henrique II de Castela:

El-rrei dom Fernando era grandioso de voontade e querençoso d’aquello que todollos homens naturallmente desejam, que he acrescentamento de sua boa fama e honrroso estado; e quando vio que sem seu rrequerimento o mundo lhe offerecia caminho assi aazado pera cobrar tam grande honrra, sem mais esguardando contrairos que avïir podes-

dia seguinte, que era domingo” (Lopes, 2004: 37); “Aa segunda-feira partio el-rrei” (Lopes, 2004: 39).

6 “Leixemos estar Tolledo cercada e vejamos el-rrei dom Pedro que fazia entanto; Lopes, 2004: 69: Tornando a Tolledo que leixemos cercada” (Lopes, 2004: 65) e (Lopes, 2004: 69).

sem, determinou em toda maneira de seguir este feito e levar adeante, veendo em sua voontade tantas ajudas pera ello prestes que lhe pareceo ligeira cousa toda Castella seer sua em pouco tempo. (Lopes, 2004: 91)

É, portanto, nesse âmbito que se enquadra o relato das alianças estratégicas que D. Fernando estabelece com o rei de Granada (cap. XXVI) e com o de Aragão (cap. XXIX), ao mesmo tempo que avança sobre a Galiza (cap. XXX), onde conhece João Fernandez Andeiro, o que logo, e pela primeira vez, o cronista, em tom preditivo, muito lamenta;<sup>7</sup> entretanto, D. Henrique toma Braga (cap. XXXIII) e cerca Guimarães (cap. XXXV). Para além de relatar os confrontos e as batalhas locais, que nunca põem frente a frente os dois reis, o cronista regista também os vitupérios que as gentes do reino iam produzindo sobre as atitudes do monarca (cap. XXXVI), opção que se coaduna com as alusões condenatórias contidas no Prólogo. Há ainda lugar para brevíssimas “estórias” particulares, como a do roubo de Gil Fernandes (cap. XXXVII), cujo cunho novelesco, pitoresco e, até, cómico introduz alguma descontração na narrativa, quebrando a eventual monotonia da elaboração historiográfica, ou a da trágica e patética morte dos filhos de Afonso Lopez de Texeda (cap. XLI). Esta variação de tonalidade acentuar-se-á ainda mais com o encaixe nesta primeira sequência temática da história do malogrado acordo de casamento de D. Fernando com a infanta D. Leonor de Aragão (caps. XLVII-LI).

Por fim, o cronista caracteriza demoradamente o conteúdo do tratado de Alcoutim que põe fim à guerra entre os monarcas, explicando

7 “E porque ainda em Galliza algũus logares nom tinham sua voz, hordenou el-rrei d’hir allá por rrebeber logares que sse lhe davom e assessegur a terra que estava por elle e cobrar da outra a mais que podesse; mas sua hida foi de tall guisa que mais sua honrra fora nom hir allá d’essa vegada” (Lopes, 2004: 102).

como D. Fernando renunciou à sua pretensão político-territorial (cap. LII) e como o rei de Aragão recebeu mal o seu conteúdo, já que o mesmo também pressupunha o casamento do rei português com a infanta D. Leonor de Castela (cap. LIV). Termina, assim, o primeiro bloco sequencial da matéria régia portuguesa, que afinal explorou apenas uma só vertente da História do reinado fernandino, aliás temporalmente confinada a cerca de três escassos anos (1369-1371). Na visão do cronista, o balanço é bastante negativo; e não se furta a deixá-lo bem claro:

Dous grandes malles rrecebeo o rreino por esta guerra que el-rrei dom Fernando com el-rrei dom Henrique começou, de que os poboos depois tiveram grande sentido: o primeiro, gastamento em grande cantidade d'ouro e prata que antiigamente pellos rreis fora entesourado, do quall, por aazo d'ella, foi a Aragom levada mui gram soma d'ouro, como já teendes ouvido; o segundo, isso meesmo foi gasto de muita multidom de prata por a mudança das moedas que el-rrei fez por satisfazer aas grandes despesas dos solldos e pagas das cousas necessarias aa guerra; per cujo aazo montarom as cousas depois em tamanhos e tam desarrazoados preços que conveo a el-rrei e foi forçado de poer sobre todas almotaçaria e mudar o vallor que aa primeira posera em taaes moedas. (Lopes, 2004: 187)

2. Ora, é nesse ponto da narrativa que, introduzindo uma inflexão temática, se incrusta um novo segmento narrativo (caps. LVII-LXV), que tem por assunto o enamoramento do rei por Leonor Teles (Ferreira, 2001: 247-262). A sua contextura inicial é explicativamente genealógica (cap. LVII), determinando-se quer a ascendência e o estado de casada da futura rainha, quer o relevo para o processo de sua irmã Maria Teles, que, como veremos, também há de protagonizar um dos mais importantes momentos da construção romanesca da

*Crónica*; logo a seguir, o enfoque passa a ser colocado na beleza de Leonor, «louçãa e aposta e de boom corpo» e de «fremosas feições e graça» (Lopes, 2004: 199), e na indomável paixão de D. Fernando, que «d'esta se começou de namorar maravilhosamente», «ferido assi do amor d'ella, em que seu coração de todo era posto, de dia em dia se acrescentava mais sua chagua», «preso do amor d'ella» (Lopes, 2004: 199-200), aludindo-se mesmo à consumação discreta do casamento.<sup>8</sup>

Efetua depois o cronista a análise das complexas consequências deste matrimónio, tanto a nível político-diplomático (caps. LVIII-LIX) como no plano da reação profundamente contrária das gentes portuguesas (caps. LX-LXIV), pois «desprougue muito a todollos da terra da maneira que el-rrei em esto teve, e nom soamente aos grandes e fidallgos que amavom seu serviço e honrra, mas ainda ao comũu poboo que d'isto teve gram sentimento» (Lopes, 2004: 209). A sequência termina com um célebre capítulo descritivo da beleza ímpar de Leonor Teles e dos muitos benefícios que concedeu aos seus familiares, em muitos casos através da promoção de casamentos, o que o cronista assegura ser resultado de uma estratégia inteligente mas condenavelmente calculista (cap. LXV).<sup>9</sup> Mais do que eminentemente cronístico, até porque em momento algum nele se inscreve uma qualquer nota de carácter cronológico ou temporal, este segmento, coeso e coerente, confirma a capacidade do cronista em desenhar retratos que rapidamente se tornam construções psicológicas de grande finura, o que se pode vislumbrar quer em relação a D. Fernando, quer, com maior acuidade, a D. Leonor Teles e ao seu séquito mais direto:

8 “E certefica-sse que ante que el-rrei dormisse com ella, primeiro a rrecebeo por molher, presente sua irmãa e outros que esta cousa traziam callada” (Lopes, 2004: 201).

9 “E fez muitos outros casamentos e acrescentamentos em muitos fidallgos e grandes do reino, por lhe averem todos boom desejo e nom cahir em sua mall-querença” (Lopes, 2004: 229).

Era muito graada e liberall a quaaesquer que lhe pediam, entanto que nunca a ella chegou pessoa por lhe demandar mercee que d'ant'ella partisse com vãa esperança. Era ainda de muita esmolla e muito caridosa a todos, mas quanto fazia todo danava, depois que conhecerom n'ella que era lavrador de Venus e criada em sua corte; e fallando os malldizentes prasmavom-na dizendo que todallas criadas d'aquella senhora se fingem sempre muito amaviosas, portanto que o manto da caridade que mostram seja cobertura de seus desonestos feitos. (Lopes, 2004: 229-230)

3. Terminada a exploração diegética dos acontecimentos relativos ao enamoramento e ao casamento do rei com Leonor Teles, enredo que Trevisan problematizou (2014), inicia-se na *Crónica* um terceiro núcleo diegético de matéria fernandina, que, pela segunda vez, recai no tema da guerra com Castela (1372-1373), já que entre tanto se declara nova contenda entre D. Fernando e D. Henrique (caps. LXVI-LXXXIV). A imagem de um exército muito desorganizado e depauperado e de um comando frágil, que permite ao rei de Castela cercar facilmente Lisboa, perpassa todo o discurso cronístico, não sendo poucas as pequenas escaramuças que portugueses e castelhanos vão travando, sem que alguma vez os reis intervenham diretamente. O quadro patético do cerco é todo ele objeto de um processo de intensificação literária de cunho dramático e comocional, que bem dá conta da míngua dos cercados, em claro contraste com a abundância externa:

ca as gentes eram tantas dentro, assi da cidade come do termo, que parecia multidom de muito gaado em pequeno currall, de guisa que secavom de augua o chafariz d'el-rrei, que he hũa mui grande e mui fremosa fonte, abastada de grande avondança d'augua que continuamente corre; e ante sahiam fora, quando viiam tempo aazado, a buscar augua em outras fontes, posto que fosse com grande seu periigo. (Lopes, 2004: 276-277)

Todavia, o assalto final não se consuma, até porque, por intervenção papal, os reis estabelecem novo acordo de paz (caps. LXII-LXIV). O termo desta contenda não porá, contudo, fim às rivalidades entre os dois reinos ibéricos, que por mais uma vez nesta *Crónica* hão de cativar a pena de Fernão Lopes, que logo o antecipa nos capítulos seguintes (LXXXVII-LXXXVIII).<sup>10</sup>

Passa então a *Crónica* a centrar-se em aspetos diversificados mas mais diretamente relacionados com as muitas disposições administrativas régias, que dão corpo a alguns – longos e pormenorizados – capítulos, nomeadamente sobre o reforço das muralhas das cidades (cap. LXXXVIII), a necessidade de incrementar o aproveitamento agrícola das terras (cap. LXXXIX), os benefícios concedidos a quem se dedicasse à atividade comercial por via marítima (cap. XC) ou a criação da célebre “Companhia das Naus” (cap. XCI), o que, apesar de tudo, o cronista entende não passar de matéria lateral «ao feito dos rreis» (Lopes, 2004: 325). São também assuntos desse ponto da *Crónica* o equilíbrio de forças entre Portugal, Castela e Aragão (caps. XCII-XCIII e XCVII) e os acordos diplomáticos para o casamento entre alguns infantes e infantas oriundos dos três reinos (caps. XCIV-XCVI). Entretanto, e de forma extremamente abreviada, o texto abarcou genericamente os principais acontecimentos dos anos de 1373-1377, confessando Fernão Lopes

10 “Nom seguio el-rrei dom Fernando, depois que teve esta paz firmada por sempre, o dito do profeta Isayas n'aquell logar honde disse que fariam das espadas sachos e das lanças podadeiras e que nom alçaria gente contra gente mais espada, nem husariam de lidar: mas come quem novamente espera d'aver guerra grande, logo como foram despachadas estas cousas que avees ouvidas, estando ell em-na cidade d'Evora, mandou por todo seu rreino fazer novas apurações de todollos moradores em elle e mudar as armas que d'ante tiinham per outra nova maneira que sse entom começou de costumar. [...] Muitas hordenações outras hordenou el-rrei em este anno por defensom e percebimento de seu rreino, como sse logo ouvesse de entrar em guerra” (Lopes, 2004: 303 e 305).

logo de seguida que, por ausência de matéria e conveniência de organização, vai interromper o relato das “coisas” de D. Fernando para falar, como havia prometido na *Crónica de D. Pedro*, do infante D. João, irmão do rei.

Ora, o encaixe narrativo desta matéria vai constituir um dos mais importantes momentos de registo romanesco do texto. Constituindo o episódio uma clara pausa na progressão da diegese, mas contribuindo para suscitar uma vez mais na *Crónica* uma variedade de tons, ambientes e motivos, ele é um dos bons exemplos da capacidade de Fernão Lopes para dispor teatralmente pequenas “estórias” e para aí exercitar a superior qualidade literária da sua escrita, que tão bem dá corpo a uma invulgar construção de figuras. Organizando-se em nove capítulos sequenciais que desenvolvem uma intriga, começa com uma caracterização encomiástica direta do infante, qual “prólogo” sobre as bondades físicas e morais da personagem (cap. XCVIII);<sup>11</sup> a par desse retrato e da acumulação direta de características, soma-lhe logo o cronista dois exemplos acionais de caça, que confirmam a bravura e a coragem do infante (cap. XCIX).

De imediato é introduzido o tema do seu enamoramento por Maria Teles (cap. C), irmã viúva de D. Leonor, mas ainda nova, formosa e de grande carácter, «muito sesuda e corda e discreta e bem guardada» (Lopes, 2004: 356). A entrevista noturna no quarto de Maria mostra à evidência a agudeza do cronista na captação genial da

11 “Este iffante dom Joham era muito iguall homem em corpo e em geesto, bem composto em parecer e feiçoões e comprido de muitas boas manhas, muito mesurado e paação, agasalhador de muitos fidallgos do rreino e estrangeiros, e muito graado e prestador a quallquer que em elle catasse cobro, dando-lhes cavallos e mullas e armas e vestidos e dinheiros e aves e alaãos e quaaesquer outras cousas que em seu poder fosse de dar” (Lopes, 2004: 347-348).

psicologia humana, pondo em relevo metafórico o eterno confronto entre a sensibilidade feminina –

«Pois, senhor, rrazom vos parecia a vós hũa dona tall como eu que-  
 verde-lla vós desonrrar d'esta guisa, como se fosse hũa molher refece?  
 Em verdade, senhor, parece-me que soamente pollo divedo que eu ei  
 com a iffante vossa sobrinha o nom deverees vós de cometer: e sabe  
 que eu soom de vós muito queixosa por isto. E portanto vos fiz aqui  
 vïr por vo-llo dizer aa minha voontade; ca me parece, se vo-llo per  
 outrem mandara dizer, que nom fora minha voontade desabafada; ca  
 asaz d'empacho ouverees vós d'aver, mandardes-me demandar como  
 se eu fosse hũa dona de mui maa fama». E em rrazoando esto mostrava  
 queixume e que quiria chorar, que aas molheres he ligeiro de fazer,  
 dizendo que sse fosse muito em boa ora per hu vehera, que pero lhe  
 parecesse que estava soo, que acompanhada siia mais preto do que el  
 cuidava. (Lopes, 2004: 358)

– e o irrefreável desejo masculino –

O iffante, cercado de querer e voontade d'aquel desejo que todo siso e  
 estado poõe adeparte, outorgava quanto ella dizia [...]. O iffante, preso  
 per maginaçom e posto mui firme so jugo do amor, per congeitura das  
 cousas que viia tiinha em gram preço e desejava muito as que nom  
 pareciam; em tanto que o fogo da bem-querença, aceso em dobrada  
 quantidade, lhe fazia semelhar aquel pouco d'espazo que fallavom hũa  
 mui perlongada noite. (Lopes, 2004: 358-359)

–, para, por fim, ainda que contidamente, admitir a irremediável con-  
 sumação física do amor:

Entom, querendo acabar o aazo o que a voontade começara, concor-  
 darom seus prazivees desejos, outorgando el que a rreceberia e averia

por sua molher; e foi assi de feito que a rrecebeo logo presente Alvaro d'Antes e outros de que muito fiavom; os quaaes se logo forom e el ficou hi: e satisfazendo hũu ao desejo do outro, el se partio ledto, sem ella ficar triste, muito cedo ante manhã, o mais afastado de fama que se fazer pôde. (Lopes, 2004: 359)

Diz o cronista que por «peçonha da enveja» e por receio de ver «sua irmã bem-quiste de todos e o iffante dom Joham amado dos poboos e dos fidallgos tanto como el-rrei» e que «rreinaria o iffante dom Joham e sua irmã seeria rrainha», ficando «ella fora do senhorio e rreinado» (Lopes, 2004: 361-362), Leonor Teles urdiu uma teia a que o infante sucumbiu, acreditando ser possível um casamento com a infanta D. Beatriz, a herdeira do trono, desde que, entretanto, Maria morresse. O típico *crescendo* do pressentimento trágico da morte, neste caso veiculado em primeiro lugar através da desconfiança do filho de Maria (cap. CII) e depois pelo súbito irromper da alvorada que interrompe a serenidade do sono de uma calma noite (cap. CIII), desemboca na completa surpresa da irmã da rainha, que, seminua, experimenta, na sua quase lírica fragilidade feminina, a brutalidade do infante:

Entom deu hũua gram tirada pella ponta da collcha e derribou-a em terra, e parte do seu mui alvo corpo foi descuberto, em vista dos que eram presentes, em tanto que os mais d'elles em que mesura e boa vergonça avia se alongarom de tall vista que lhes era doorosa de veer, e nom sse podiam teer de lagrimas e salluços, como sse fosse madre de cada hũu d'elles; e em aquell derribar que o iffante fez, lhe deu com o bulhom que lhe dera seu irmão d'ella per antre ho ombro e os peitos, acerca do coração; e ella deu hũas altas vozes mui dooridas dizendo: «Madre de Deus, acorre-me e ave mercee d'esta minha alma»; e em tirando o bulhom d'ella, lhe deu outra ferida pellas verilhas; e ella

levantou outra voz e disse: «Jesu filho da Virgem, acurre-me»; e esta foi sua postumeira pallavra, dando o sprito, e bofando muito sangue d'ella. (Lopes, 2004: 372)

A profunda sensorialidade da cena é indesmentível. Ao cromatismo que o quadro imprime, com a sugestão da sobreposição do vermelho do sangue sobre a sensual brancura da desnudada pele de Maria, soma-se a brutalidade do assassinato, com uma arma oferecida pelo irmão da vítima e que mais facilmente se adequaria à cena de caça já amplamente descrita (cap. XCIX); por outro lado, o tom emotivo e comocional das falas femininas, profundamente impregnadas de um lirismo exortativo e quase penitencial, que contrasta com o silêncio frio e impiedoso do infante, sugestiona claramente a automática e afetiva compreensão do leitor pelo sofrimento da personagem feminina, na mesma medida em que interrompe qualquer empatia com um dos herdeiros naturais da Coroa portuguesa, facto que, do ponto de vista ideológico, muito interessaria realçar ao cronista. Finalmente, a utilização de um vasto arsenal retórico, de que há a destacar a hipérbole, a comparação e a aliteração, e da deliberada anteposição do adjetivo ao referente ou das duplicações substantivas, bem como das sugestões imagéticas, confirma como à (re)ficcionalização daquela matéria corresponde uma também adequada e filigranada estilização.

Perdoado e reintegrado depois na Corte pelos reis (cap. CIV), o infante procura que a rainha realize a promessa de casamento com D. Beatriz, o que nunca vem a acontecer (cap. CV), antes se vendo constrangido por um difícil exílio em Castela que o leva a muito se arrepender da sua decisão (caps. CV-CVI). Cumprindo, pois, tanto a obrigação cronística a que há muito se tinha comprometido com o leitor, como o papel de um cronista-narrador que não enjeita uma incursão por outros terrenos que não os exclusivamente historiográficos.

ficos, Fernão Lopes confirma os seus dotes de *escritor* e, sobretudo, mostra-se como invulgar *esteta*, aspeto de que, consigo, o género cronístico tanto pôde usufruir, determinando certamente um modelo com larga fortuna.

4. Retoma entretanto a *Crónica* a sua preocupação eminentemente historiográfica, explicando, primeiro, com pormenor, o grande Cisma do Ocidente, na complexa eleição, em 1378, do papa Urbano VI (cap. CVII) e na posterior cisão de Avinhão, consumada com a designação paralela de Clemente VII (caps. CVIII-CIX), e, depois, as circunstâncias do falecimento de D. Henrique de Castela e da consequente subida ao trono de seu filho, D. João (caps. CX-CXIII). Compreende-se que, a pretexto de se enquadrar no tempo histórico abarcado, o cronista realce a problemática cisão na Igreja romana, já que ela em muito lhe permitirá, depois, explorar e desenvolver, numa perspetiva que é tanto ideológica como estética, esse filão temático.

A partir daqui gera-se nova e longa sequência narrativa, pela terceira vez em torno da guerra (1380-1382), desta feita ainda mais inexplicável e inconclusiva, entre Portugal e Castela (caps. CXIV-CLVI), em que também intervêm os ingleses, como aliados de D. Fernando. É uma pulsão quase indómita e voraz de vingança, especialmente induzida pelos danos infligidos durante o último cerco de Lisboa, que, no dizer de Lopes, motiva o rei contra D. João I de Castela (que, para ele, é mais o filho de D. Henrique do que o rei dos castelhanos), pese embora o parecer contrário dos seus conselheiros mais próximos, que não compreendem nem aceitam o desrespeito régio dos tratados entretanto firmados com Castela (cap. CXIV); data também desse momento o enamoramento do Conde Andeiro por Leonor Teles, que acontece por, como que trágica e paradoxalmente, o rei o ter mandado regressar a Portugal para com ele tratar da referida aliança com os ingleses (cap. CXV) (Ferreira, 2001).

O relato tipicamente cronístico das primeiras escaramuças ocupa largo destaque no início da sequência narrativa (caps. CXVI-CXIX), nela entrando em cena, pela primeira vez na *Crónica*, Nun'Álvares Pereira (caps. CXX-CXXIII e CLI). Todavia, os confrontos iniciais (caps. CXXIV-CXXV) começam por ser desastrosos para D. Fernando, redundando em autênticas derrotas bélicas, éticas e financeiras (cap. CXXVI), que só o posterior auxílio dos ingleses (caps. CXXVIII, CXXXIII) – destemidamente caracterizados pelo cronista como bárbaros e mercenários (cap. CXXXII)<sup>12</sup> – e o crescente empenho exemplar e quase heroico da família dos Pereiras (caps. CXXXVI-CXXXVIII) e do Mestre de Avis (cap. CXLIX) ajudarão a inverter, se bem que não completamente (cap. CXXXV). Ainda assim, enfatiza o cronista o facto de a aliança com os ingleses implicar, entre muitas outras contrapartidas, a imposição ao rei da adesão ao papado de Urbano VI, o que parece agradar a Fernão Lopes, até porque, no plano *de facto*, essa opção acabaria por deixar o rei castelhano quase isolado no apoio a Clemente VII (cap. CXXX), aspeto que será amplamente explorado ideológica e literariamente na *Crónica de D. João I*. E até o suposto derradeiro confronto régio

12 “Hũa vez chegarom algũus d’elles a casa d’hũu homem que chamavom Joham Vicente, jazendo de noite na cama com sua molher e hũu seu filho pequeno que ainda era de mama, e baterom aa porta que lhe abrisse; e ell com temor nom ousou de o fazer, e elles britarom a porta e entrarom dentro e começaram de ferir o marido; a madre com temor d’elles pôs a criança ante ssi polla nom ferirem, e nos braços d’ella a cortarom per meyo com hũa espada, que era cruell cousa de veer a todos; e tomarom aquell menino assi morto e levarom-no a ell-rrei aos paços em hũu tavolleiro, mostrando-lhe tall cruellidade como aquella; [...] Outros chegarom acima de Loures por rroubar hũa aldea que he hi acerca; e em-na rroubando, matarom tres homẽes; e assi rroubavom e matavom e destruhiam mantiimentos que muitas vezes mais era o dano que faziam que aquello que gastavom em comer; que tall avia hi, se avia voontade de comer hũa língua de vaca, matava a vaca e tirava-lhe a língua e leixava a vaca perder; e assi faziam ao vinho e a outras cousas” (Lopes, 2004: 466-467).

acaba por não se dar, em vista da não comparência do rei castelhano (caps. CLII-CLIII), o que favorece o estabelecimento de um novo tratado de paz (caps. CLIV-CLV), sem que, na visão da crónica, o monarca português alguma vez tenha conseguido atingir qualquer um dos seus nunca bem declarados intentos.

O cronista foi, portanto, dispondo toda a sequência em dois planos distintos mas complementares: por um lado, as forças que quotidianamente defendem ou atacam a soberania do solo e que experimentam as dificuldades mais diretas da peleja; por outro, e na retaguarda, D. Fernando e D. João de Castela, que nunca se confrontam nem verdadeiramente lideram presencialmente a contenda. Tal estratégia de (re)construção distanciada da História, que também traduz uma posição ideológica muito marcada do “narrador” e que se resume a uma espécie de incompreensão pela insensatez da declaração fernandina de guerra, conjuga-se ainda com a introdução de uma longa pausa na progressão do conto, que tanto lhe permite uma vez mais tomar posição sobre os factos como ir diversificando em termos de espaço, de protagonistas e de motivos a *Crónica*, assim em muito contribuindo para acentuar o ecletismo temático e de registos do texto, embora dentro da convencional tipologia da crónica “régia”. Trata-se do encaixe da “estória” lateral da prisão do Mestre de Avis e de Gonçalo Vasques d’Azevedo, a ordens – manipuladas por Leonor Teles – do rei, e a propósito de uma sua infundada participação no ainda apenas suposto boato público da ligação amorosa entre a rainha e o conde Andeiro (caps. CXXXIX-CXLVII).

5. A parte final da *Crónica* foca três assuntos muito específicos, um longa e minuciosamente escalpelizado – a morte da rainha D. Leonor de Castela, que origina a possibilidade, logo concretizada, de um casamento do rei de Castela com a infanta D. Beatriz, herdeira do trono português (caps. CLVII-CLXX) – e dois

mais sucintamente registados – a doença e consequente morte de D. Fernando (caps. CLXXI-CLXXII) e o início da regência da rainha, que enfrenta o desgoverno, a penúria e a desconfiança do reino, particularmente dos habitantes de Lisboa, Santarém e Elvas (caps. CLXXIII-CLXXVIII), como que espoletando o que será objeto de tratamento historiográfico na Primeira Parte da *Crónica de D. João I*. Como se vê, não termina a crónica com a morte do monarca, o que não chega a constituir um verdadeiro desvio à norma do género cronístico, até porque o último dos seus capítulos é dedicado às suas exéquias.

Na sua desenvoltura historiográfica e estética, a prosa da *Crónica de D. Fernando* representa um salto qualitativo em relação ao texto precedente. Seja por via de uma estrutura narrativa mais lata, mais documentada e mais variada, seja por virtude de um manuseamento mais sólido dos assuntos que constituem a matéria que dá corpo à diegese, com importantes reflexos na modelização das personagens – tornando a figuração, como evidencia Carlos Reis, «dinâmica, gradual e complexa» (2018: 166) –, a *Crónica* vai progressivamente afinando o iniludível equilíbrio entre a busca da verdade e a abrangência literária da modalidade “régia”, num contínuo processo de aperfeiçoamento que mostra já o cronista na quase plenitude das suas capacidades de *esteta* e de artífice da escrita. E a própria profundidade dos pormenores, tão explicativos quanto literariamente fecundos, faz esquecer completamente a necessidade de recuar de forma sistemática às obscuras origens ou às causas mais remotas dos factos, estratégia que fora tão cara à crónica “geral”, preferindo-se agora o enfoque na centralidade do que é atual, dentro dos limites do reino e do reinado, ainda que, como demonstrou Fernández Gallardo (2012), também num quadro hispânico mais global.

Se a *Crónica de Portugal de 1419* fazia adivinhar essa evolução, a Fernão Lopes se fica a dever a sua definitiva consolidação, num

caminho de larga abertura às potencialidades de uma expressividade estético-literária que não conhecerá, na Idade Média europeia e no plano cronístico, muitos outros cultores cujo nível seja idêntico. Prosador inconfundível, com um sentido rítmico único, Fernão Lopes redefine os principais contornos do género cronístico e demonstra que era possível fazê-lo sem pôr em causa os seus traços fundacionais específicos.

#### REFERÊNCIAS

- BEAU, Albin Eduard (1959). “Os elementos panegíricos nas crónicas de Fernão Lopes”, in *Estudos*. Vol. I. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 41-61.
- DIONÍSIO, João (1993). “A Leitura como Diálogo. I. *Crónica de D. Fernando*”, in Aires A. Nascimento e Cristina Almeida Ribeiro (orgs.), *Literatura Medieval*. Actas do IV Congresso da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Vol. III. Lisboa: Edições Cosmos. 141-145.
- FERNÁNDEZ GALLARDO, Luis (2012). “La *Crónica de D. Fernando* de Fernão Lopes: una perspectiva hispánica”, in Antonia Martínez Pérez e Ana Luisa Baquero Escudero (eds.), *Estudios de Literatura Medieval: 25 años de la AHLM*. Murcia: Universidad de Murcia. 379-388.
- Ferreira, Isabel Sabido (2001). “«desordenada afeição e bem querer»». Sobre a intriga amorosa em Fernão Lopes”, in António Branco (coord.), *Figura*. Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval. Faro: Universidade do Algarve. 247-262.
- FIGUEIREDO, Albano António Cabral (2005). *A crónica medieval portuguesa. Gênese e evolução de um género (Sécs. XIV-XV). A dimensão estética e a expressividade literária*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- LOPES, Fernão (2004). *Crónica de D. Fernando*. Edição crítica, introdução e índices de Giuliano Macchi. 2.<sup>a</sup> ed., revista. Lisboa: I.N.-C.M.

- REIS, Carlos (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Coimbra: Almedina.
- TREVISAN, Mariana Bonat (2014). “D. Pedro I & D. Inês de Castro, D. Fernando & D. Leonor Teles: Os contra-modelos conjugais da cronística legitimadora de Avis (Portugal, Século XV)”. *De Médio Aevo*, 5 (1): 43-66.